# literatura afro-brasileira: umprocesso de afirmação identitária de resistência poesia negra apoesia de cuti

Francys Carla Arraiz Lindoso Cavalcante\*



<sup>\*</sup> Graduada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: francyscarla.cavalcante@gmail.com. Artigo recebido em 19/12/2016 e aprovado para publicação em 19/02/2017.

# Resumo

As discussões teóricas a respeito da literatura e da identidade negra brasileira têm crescido nas últimas décadas. Estudiosos discutem a existência de uma vertente afro na Literatura brasileira. Definida como um projeto de expressão de amplo encadeamento discursivo, essa literatura é constituída por obras e autores identificados à afrodescendência, transitando, ao mesmo tempo, dentro e fora da literatura brasileira (lanni, 1988; Duarte, 2008). Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo geral discutir o processo de construção da literatura afro-brasileira e apontar a sua pertinência nos estudos literários a partir da poesia de Cuti,

destacando as categorias de identidade e resistência negra. Assim, procuramos interpretar os diferentes enfoques de resistência do ponto de vista afro-brasileiro, considerando a perspectiva de ressignificação dos estereótipos e de outros símbolos cristalizados e negativos sobre o negro, como parte relevante ao processo de afirmação identitária negra no Brasil.

### Palayras-chave

literatura afro-brasileira; identidade; resistência; negro; poesia

## Abstract

The theoretical discussions about literature and Brazilian black identity have grown in recent decades. Scholars arque the existence of an African segment in Brazilian Literature. Defined as a project of broad discursive expression, this type of literature is constituted by works and authors identified with the African heritage, moving, simultaneously, in and out of Brazilian literature (lanni, 1988; Duarte, 2008). In this sense, the present study aims to discuss the process of construction of the Afro-Brazilian literature and to point out its relevance in literary studies, considering Cuti's poetry as it highlights the categories of identity and black resistance. Therefore, we try to interpret the different approaches to resistance from the Afro-Brazilian point of view, considering a perspective of reframing stereotypes and other stagnate and negative black symbols, as a relevant part of the black identity affirmation process in Brazil.

# Keywords

Afro-Brazilian literature; identity; resistance; Black people; poetry

# Considerações iniciais:



# A literatura negra ou afro-brasileira

[...] A poesia é o meu recanto / A minha fuga. / Mesmo assim, escrevo poemas / Como quem joga pedras. [...] Não tenho razões / Para sorrir à nenhuma princesa, / Por isso quando escrevo, / Mesmo sobre o mel e as flores / Não pretendo ser doce ou lírico. / Em cada verso, sou as marcas / Dessa História. / Do mel, sei apenas, / As ferroadas das abelhas / Das flores, o perfume / Que acorda na memória / Multidões de defuntos /Do meu povo. (SEMOG, 1997)<sup>2</sup>.

A literatura no contexto pós-moderno é marcada pela expansão dos estudos culturais em diversas partes do mundo, condicionando à ascensão e visibilidade não somente os grupos minoritários - em que os movimentos negros se incluem, mas também as chamadas literaturas periféricas. Nesse contexto, a força reivindicatória dos movimentos negros – no teatro, na música, no jornal etc. – fortalece as discussões acerca das produções literárias afrodescendentes, sobretudo a poesia negra, devido ao crescente número de escritores. Intensificam-se as pesquisas em academias e em faculdades, inclusive as estrangeiras.2 Em outras palavras, a produção literária afro-brasileira torna-se objeto de estudo de diversos estudiosos, estrangeiros<sup>3</sup> e brasileiros. A maioria desses estudiosos se engaja para a consolidação dessa literatura, contribuindo para que essa vertente, nomeada na década de 1970 de Literatura negra<sup>4</sup>, transite "da esfera da sombra para a esfera da consagração" (BERND, 1988, p. 16).

Denominada de literatura negra ou afro-brasileira, essa expressão literária constitui-se como "um sistema de obras, autores e leitores articulados em torno de uma problemática, um imaginário povoado de construções, imagens, figuras ressoando o drama épico do

negro brasileiro" (IANNI, 1988, p. 91) e se faz "presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo", sendo múltipla e diversificada (DU-ARTE, 2008, p. 01).

Em estudo intitulado "Literatura e consciência" (1988), Octávio Ianni define a produção literária afro-brasileira da seguinte forma:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo. (IANNI, 1988, p. 91).

No artigo "Literatura afro-brasileira: um conceito em construção" (2008), o pesquisador Eduardo de Assis Duarte reforça a existência da literatura afro-brasileira e aponta a relevância da difusão dos trabalhos literários afros para a consolidação desse projeto em âmbito nacional, "tanto na prosa quanto na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira tout court" (DUARTE, 2008 p. 1).

No livro Introdução à literatura negra (1988), Zilá Bernd esclarece que a história literária não deve ser vista como uma totalidade fechada, mas como uma possibilidade: um processo permanentemente inacabado. Deve-se lançar à superfície obras e autores que, por algum motivo, permaneceram à sombra do silêncio. Nesse âmbito, torna-se apropriado trazer para o palco outros posicionamentos

conceituais sobre a vertente *afro* da literatura brasileira. Antes, entretanto, é preciso elucidar algumas questões referentes ao uso das terminologias "literatura negra", "literatura afro-brasileira", "literatura afrodescendente" e/ou "literatura negro-brasileira"<sup>5</sup>, que, embora utilizadas como sinônimos, revelam pontos de vista distintos a respeito dessa vertente.

Para as escritoras Florentina Souza e Nazaré Lima (2006), a expressão "literatura negra" carrega em si as lutas pela conscientização da população negra, uma vez que procura dar sentido aos processos de construção identitária dos grupos negro-brasileiros excluídos do modelo instituído pela sociedade. A expressão parece figurar de modo mais representativo na maioria dos estudos sobre a produção literária de escritores negros ou em antologias que organizam e coletam obras de autores negros. Por isso, "substituí-lo por expressões como "literatura afro-brasileira" ou literatura "afro-descendente" também não soluciona a polêmica, embora possa apresentar novos argumentos" (SOUZA; LIMA, 2006, p. 23). Nesse sentido, as expressões "literatura afro-brasileira" e "literatura afrodescendente" podem acarretar outras interpretações, com significações distintas de literatura negra:

A "literatura afro-brasileira" procura assumir as ligações entre o ato criativo que o termo "literatura" indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. Por outro lado, a expressão "literatura afrodescendente" parece se orientar num duplo movimento: insiste na constituição de uma visão vinculada às matrizes culturais africanas e, ao mesmo tempo, procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram na diáspora. (SOUZA; LIMA, 2006, p. 24).

Nessa linha de pensamento, o escritor Luiz Silva (Cuti) afirma que intitular de afro a produção literária dos que



se assumem como negros em seus textos "é projetála à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira" (2010, p. 35). O autor defende a terminologia literatura negro-brasileira, por entender que a palavra "negro" carrega as lutas e as experiências de vida no tocante à manifestação das subjetividades negras, também lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e tiveram que construir outra. Em outras palavras, o termo nos remete à reivindicação diante do racismo, ao passo que a expressão afro-brasileira nos lança, em sua semântica, ao continente africano.

Para Cuti (2010, p. 43-44), tal estratégia objetiva esvaziar o sentido das lutas da população negra do Brasil, sobretudo o seu fator principal: a identidade, "este 'assumir-se negro, esse gostar-se negro', tão caros à literatura de subjetividade negra. Define a literatura negro-brasileira como uma expressão que "nasce na e da população negra que formou fora da África, e de sua experiência no Brasil". (SILVA, 2010, p. 43-44).

Em contrapartida, o aval do Estado Brasileiro ao termo "afro-brasileira" para denominar a Cultura, a História e as Artes dos negro-brasileiros, conforme a lei 10.639/2003<sup>6</sup>, de certo modo, torna-se uma peça importante para delinear a produção literária negra, corroborando para que autores negros "adotem a expressão", pois, além de levar em conta a sua divulgação em dimensão territorial brasileira, constitui um caminho editorial alternativo. Assim, as nomenclaturas "literatura negra" e "literatura afro-brasileira" serão, neste estudo, tomadas como sinônimos.

De acordo com estudos realizados por diversos teóricos, a literatura negra tem características específicas que a fazem distinguir-se das outras. Eduardo Duarte (2008) elenca alguns critérios para a definição dessa literatura. São eles: a) a *temática*: o afrodescendente, bem como sua experiência individual e coletiva são temas pertinentes; b) *a autoria*, uma escrita afroidentificada; c) o ponto de vista: nesse critério, cabe ressaltar que não basta somente a inclusão da temática e a autoria. Faz-se necessário a adesão de uma perspectiva identificada às tradições, à história e aos problemas – esse elemento conjuga-se como sujeito da enunciação que quer-ser-negro, conforme proposto por Bernd (1988). Essa mesma autora<sup>7</sup>, ao resumir os critérios para definir a literatura negra, defende que esta se configura pelo surgimento de um eu-enunciador que se autodeclara negro. Esse sujeito literário reescreve a imagem do negro, partindo de leituras próprias, sua memória individual e coletiva.

De maneira geral, é preciso ver a literatura negra ou afro-brasileira como um projeto de expressão amplo, múltiplo, que transforma e se constitui a partir de fragmentos de afirmações, de resistências e de ressignificações, que transita ao mesmo tempo dentro e fora da literatura, ora desconstruindo, ora suplementando e redirecionando os discursos.

# Cuti, o poeta de Ourinhos

Cuti<sup>8</sup> é considerando um dos intelectuais mais importantes da literatura negra contemporânea. Poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta, nasceu em São Paulo, na cidade de Ourinhos, em 31 de outubro de 1951. Formou-se em Letras pela USP em 1980. É Mestre e Doutor em Letras pela Unicamp<sup>9</sup>. Além disso, o escritor empenha-se no estudo crítico da produção literária passada e presente. Seu trabalho volta-se para autores como Machado de Assis, Lima Barreto, Luiz Gama, Cruz e Souza, Lino Guedes e também a escritores contemporâneos. Cuti mantém-se atento às transformações das formas e estilos literários no Brasil e no exterior.

Militante da causa negra, é um dos fundadores da série *Cadernos Negros*<sup>10</sup> (1978-) e também um dos fundadores e membros da ONG *Quilombhoje Literatura*"<sup>11</sup>. Além disso, o escritor dedica-se igualmente ao resgate da

memória do movimento negro. Em suma, Cuti "enquadra-se no perfil dos poetas modernos, atuando na criação, na crítica e no trabalho de agitação político-cultural junto à comunidade afrodescendente"<sup>12</sup>. Destacam-se principalmente os estudos voltados às conceituações da literatura negra. As reflexões e a própria escrita do poeta são marcadas, sensivelmente, pela militância.

# A criação literária do autor

O fazer poético de Cuti é influenciado, na maioria das vezes, pelo olhar experiente da vivência negra. O poeta adere a uma perspectiva identificada às tradições, à história e aos problemas referentes à sua coletividade étnica (BERND, 1988), e sempre solidário a outras alteridades presentes em nosso contexto. Algumas questões relativas à afirmação de identidade, à crítica social e, principalmente, à valorização da imagem do negro como sujeito no contexto brasileiro podem ser observadas em *Poemas da Carapinha* (1978), *Batuque de tocaia* (1982), *Flash crioulo sobre o sangue e o sonho* (1987) e *Sanga* (2002) – além de outras diversas publicações nos *Cadernos Negros*.

O trabalho literário deste autor possibilita a mobilização de grupos dos quais ele se sente porta-voz, objetivando, sobretudo, direta e indiretamente, desarticular estereótipos fixados historicamente e propagados na sociedade. Cuti vale-se de uma linguagem positiva que atua como instrumento de resistência contra uma realidade — ainda excludente — que se mantém, apesar de passados mais de cem anos de abolição da escravatura, sob o manto do silêncio.

Nos últimos anos, o literato tem ganhado notabilidade nos meios acadêmico e literário – tendo sua produção literária cada vez mais reconhecida e estudada – pela contribuição na afirmação de uma consciência afrodescendente. Cabe ressaltar, ainda, o pluralismo presente na obra do autor, que não permite a homogeneidade em seu fazer poético. De maneira geral, Bernd reforça que a produção literária desse paulistano

Atua no sentido de encerrar um apelo implícito de reversão de situação de exclusão e marginalidade a que foi relegado o negro no Brasil. Fazendo uso da simbologia de armas de combate[...]. É um dos poetas da contemporaneidade com mais longa carreira, escrevendo há mais de 30 anos, e tendo participado de praticamente todas as edições dos cadernos negros, além de ter uma atuação ativa em obras teórico-críticas a respeito da literatura negra, sobre a qual tem posições cuja coerência vem mantendo ao longo de toda a sua carreira como escritor e ensaísta. (BERND, 2011, p. 144).

O poeta significa um divisor de águas para a literatura afro-brasileira contemporânea por escrever num momento de profunda discussão sobre a produção cultural, bem como sobre as representações literária e histórica de brasileiros afrodescendentes, sobretudo nos movimentos e organizações negros. Para Bernd (2011), o escritor expõe os problemas fundamentais do negro brasileiro ainda vítima de preconceito e de discriminação.

Nessa linha de entendimento, faz-se necessário esclarecer alguns pontos determinantes que "justificam" (de certa forma) as omissões da produção literária afro do cânone brasileiro.

# Literatura e afrodescendência: preconceito, silenciamento e exclusão

Na produção literária brasileira antecedente ao período Modernista observa-se ainda uma escrita muito vinculada aos padrões europeus, atribuindo aos povos dominados, negros e mestiços, uma identidade marginalizada. Nesse contexto, não havia possibilidades de escritores negros fixarem uma modalidade de escrita que não seguisse o padrão estético determinado pelo cânone — exclusivamente masculino, branco e ocidental.



Nesse sentido, o artigo "Literatura Negra, uma outra história", de Carina Bertozzi de Lima (2009), ressalta que a depreciação da expressão cultural de um povo sempre foi um mecanismo eficiente de dominação, e que no Brasil esse recurso foi amplamente utilizado no período da escravidão e até mesmo após abolição. Assim, características como cor da pele, traços físicos, condição social e intelectual do escravizado serviam para demonstrar a suposta inferioridade do negro em relação ao branco.

Provavelmente, isso explica por que autores consagrados – negros ou mestiços – do cânone tiveram que ceder ao "branqueamento". Destaca-se Machado de Assis, mestiço, principal autor da língua portuguesa, por depender de seu emprego e por estar profundamente consciente da repressão que sofreria ao se autodeclarar negro, preferiu manter-se dentro do padrão de escrita vigente, esclarece Duarte (2005). Nesse contexto, Machado e demais escritores, também afrodescendentes, que seguiram os padrões exigidos pelo cânone, foram denominados "negros de alma branca".

Ressalta-se que naquela época o escritor não se interessou em abordar temas do ponto de vista negro, tendo em vista um público leitor predominantemente branco que não estava interessado e tampouco preocupado com assuntos referentes aos negros no Brasil. Por outro lado, paralelamente, havia escritores autodeclarados negros que se negavam a escrever no modelo estabelecido, principalmente por não se ver nele representados, é o caso de Luiz Gama, Lino Guedes, entre outros. Autores que permanecem fiéis à sua cor e a seu povo, e que publicam suas obras em seus estados, apesar da pouca circulação.

De modo geral, cabe esclarecer que a literatura brasileira sempre foi muito concentrada nos grandes centros, a saber, em São Paulo e no Rio de Janeiro. Via de regra, as obras literárias produzidas em outros Estados acabam sendo menos divulgadas. Por outro lado, Zilá Bernd salienta que "não podemos ser ingênuos a ponto de ignorar os processos de manipulação que sofrem os textos literários e que seu sucesso ou seu esquecimento podem ser forjados de acordo com determinados interesses" (BERND, 1988, p. 17).

Compactuando com o ponto de vista da autora, Duarte (2005) confirma que ao percorrer os consagrados manuais de literatura é notável a ausência dos trabalhos literários de autoria negra. O crítico frisa que a produção literária de subjetividade negra sofreu, por longo tempo, diversas barreiras à sua divulgação. A começar pela própria materialização em livros que, em alguns casos, se deu restritamente, quando não com o apagamento dos créditos autorais ligados ao negro e aos aspectos culturais e existenciais desses grupos.

Acredita-se que esse processo de silenciamento e exclusão também foi impulsionado pelo processo de miscigenação branqueadora propagado no Brasil, compreendendo o período pós-abolição até meados do século XX. A tese da miscigenação defendia que critérios identitários não deveriam se sobrepor ao critério nacional (DU-ARTE, 2005). Esse fundamento alarga a ideia de transformar o Brasil em uma nação una, igualitária e sem racismo – uma democracia racial. Porém, paradoxalmente, é a ideologia branca que prevalece nos textos literários

Em Raças e classes sociais no Brasil (2004), o sociólogo Octavio lanni ressalta que a partir dos anos 1950 dezenas de leis foram criadas para conter a discriminação racial — esta, que outrora a legislação brasileira declarava não existir. Dentre elas, cita-se a do ano de 1969. Nela, a Constituição da República Federal do Brasil estabelece que "todos são iguais perante a lei, sem qualquer distinção [...]" e que "será punido pela lei o preconceito de raça" (IANNI, 2004, p. 113). Em 1975, o general Geisel, explica o autor, teria afirmado que "Somos uma nação que é produto da mais ampla experiência de integração racial".

Por meio do discurso citado, fica evidente o mito da democracia racial, pois, é sabido que não houve um



projeto pós-abolicionista que colocasse os negros no mesmo patamar que os brancos. Além disso, ao mesmo tempo que se declara uma sociedade igualitária, leis são instituídas para combater o racismo vigente. Para lanni, o princípio da ambiguidade pode começar pela negação do que é realidade, como já havia feito anteriormente o Ministro da Fazenda, Rui Barbosa, que, num gesto "simbólico", após a Abolição da escravatura e por meio de decreto<sup>13</sup>, manda queimar (literalmente) toda a documentação relacionada à escravidão no Brasil. Para o sociólogo, tal postura constitui uma face da ideologia do branco, pois suprimir os dados é um modo de suprimir os fatos:

Tratava-se de apagar da memória histórica das gentes a funesta instituição. Era um modo de tornar ainda mais nobre o gesto da abolição e estabelecer a fraternidade, solidariedade e comunhão dos brasileiros. Tentava-se conferir cidadania aos ex-escravos, negros e mulatos. Para isso, pois, havia que se queimar papéis, livros e documentos relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, ingênuos, filhos livres[...]. A consciência liberal dos donos do poder encontrava uma solução simples, sublime como o gesto da abolição: queimam-se os documentos para abolir os fatos (IANNI, 2004, p. 112).

O sociólogo nos esclarece que "a afirmação" de que não há preconceito contra o negro brasileiro não convence nem mesmo os brancos. Segundo ele, o preconceito racial, sim, existe, é arraigado, e é criado e recriado no interior das classes sociais e é ele que é responsável por fomentar as desigualdades sociais (IANNI, 2004). Por isso, o discurso da democracia racial fomentado compõe um poderoso instrumento de poder, utilizado com o intuito de manter fixas posições hegemônicas e subalternas no alicerce dos papéis sociais de cada grupo étnico que constitui a população do país.

Cuti (2010, p. 51) chama atenção para o fato de que "se a capoeira, as religiões de origem africana e outras manifestações foram reprimidas pela polícia, para com a escrita[...] especificamente a poesia e a ficção[...] não seria diferente". Assim, embora camufladas, as diversas discriminações em relação ao universo negro continuaram (e ainda continuam) fazendo parte da sociedade brasileira.

No livro intitulado O negro no mundo dos brancos, o sociólogo Florestan Fernandes (2007) explica que a manutenção do racismo atravessa gerações, uma vez que "o preconceito não é apenas uma herança, ele também se refaz no presente". Ao longo de suas pesquisas, o autor nos esclarece que o idealismo nacional que diz vivermos em uma sociedade "sem racismo" vem sendo desconstruído pois, "ao mesmo tempo em que convivemos, não com a realidade, mas com um modelo de democracia racial, um racismo brutal vigora entre nós" (FERNAN-DES, 2007, p. 21). Consequentemente, a falsa democratização racial dificultou a formação de contraideologias que pudessem combater as ideologias dominantes que inviabilizavam as manifestações culturais afro-brasileiras. Dessa maneira, a literatura canônica, ancorada nos pensamentos cristalizados historicamente, deixou (e ainda deixa) "de fora" vozes tão caras ao cenário cultural brasileiro. Ou seja, a partir do momento que se mantém encoberto o legado outorgado pelos grandes escritores negros – do passado e do presente – também se fratura a estrutura literária brasileira. Consequentemente, "o resultado de tais condicionamentos se traduz na guase completa ausência de uma história ou mesmo de um corpus estabelecido e consolidado para a literatura afro--brasileira[...]" (DUARTE, 2005, p. 115).

Nessa linha de entendimento, o estudioso critica a ideologia do rigor estético que antecede ao modernismo por excluir vozes importantes da literatura negra. Defende que tal abstração sustenta o preconceito velado: "[...] à medida que transforma em tabu as representações vinculadas às especifidades de gênero ou etnia e as exclui sumariamente da 'verdadeira arte', porque

'maculadas' pela contingência histórica" (DUARTE, 2005, p. 117). O crítico contesta que esse *purismo estético* se revela, no mínimo, um discurso repressivo que silencia as vozes das minorias e desqualifica o objeto artístico. Associa essa questão ao fato de que tanto a crítica literária quanto a demanda de autores da literatura brasileira são compostas, em grande maioria, por vozes masculinas e brancas.

Nessa linha de raciocínio, Zilá Bernd (1988) ressalta que na literatura brasileira predomina o discurso sobre o negro – em terceira pessoa. Segundo a autora, tanto no romance como na poesia, na maioria das vezes, o negro está representado de forma estereotipada – classificado como escravo, inferior, marginal, submisso, entre outros. Como por exemplo no período colonial no Brasil, em que que se destaca a poesia do escritor Gregório de Matos. Nesse contexto marcado pela escravidão, são comuns as classificações marginalizadas dos sujeitos não brancos. Conforme observado no fragmento do poema "Epílogo"<sup>14</sup>:

Quais são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.
Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo o povo asnal,
Que estima por cabedal,
Pretos, mestiços, mulatos. [...]

Nos versos acima, pode-se destacar a preocupação expressa na voz poética que, com um toque ácido, expõe criticamente toda a sociedade escravocrata ao classificá-la como desonrada e ambiciosa, uma vez que as principais posses "materiais" são os escravos (mão de obra). Nesse sentido, observa-se, no discurso, que os africanos (pretos) e afrodescendentes (mestiços e mulatos) são denominados objetos.

Diante do exemplo citado, cabe enfatizar que os discursos pregados na história se repetiram e perpetuaram mesmo séculos depois, amparados, por vezes, por teorias racistas.

# Poesia de resistência e produção poética negra

A poesia negra brasileira nasce dentro de um campo literário de escrita com o qual ela dialoga, porém, mantendo-se distante dele, já que busca uma linguagem própria; como por exemplo, na exploração recorrente de palavras e, até mesmo, o emprego de neologismos que deem conta da representação de imagens que viabilizem desconstruir sentidos depreciativos e opressores instaurados dentro e fora da literatura. Desse modo, a textualidade poética a ser observada não visa a exposição de um discurso vitimista, mas, sim, a valorização e a afirmação de uma identidade negra brasileira.

Para contribuir com esta pesquisa destacamos o termo *resistência* a partir das formulações teóricas apresentadas por Alfredo Bosi, em seu livro intitulado *O ser e o tempo da poesia* (2000) e por Zilá Bernd (1988; 2011) correlacionando o conceito à conjuntura poética do mundo pós-moderno, em especial à poesia afro-brasileira.

Bosi (2000) apresenta-nos os principais estilos de poesia-resistência. São eles: a poesia-metalinguagem, a poesia-biografia, a poesia-sátira, a poesia-utopia, a poesia-mito. Com relação às possibilidades mencionadas, uma delas, a poesia mítica, revela o intuito de recuperar o sentimento comunitário dissipado no espaço e no tempo. Esta funciona a partir do resgate imaginário coletivo de um povo, isto é, entendida como um instrumento de resistência simbólica à opressão. Nessa perspectiva, o poeta como porta-voz de uma comunidade étnica preocupa-se em recompor de modo persistente o universo simbólico: lugar de manifestações culturais da população negra que fora interditado e alienado historicamente.

Tendo em vista que o contexto literário da poesia no século XX foi marcado por transformações iniciadas a partir da ruptura do Modernismo, a ruptura com os pensamentos tradicionalistas também influencia as composições poéticas contemporâneas. A esse

respeito, Hugo Friedrich, ao analisar a criação literária em *Estrutura da lírica moderna* (1978), ressalta que na lírica moderna a tônica é a ruptura e a negação. Para o autor, "transformar" é base dominante na poesia moderna:

A poesia quer ser uma criação autossuficiente, pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-racionais [...] Das três maneiras possíveis de comportamento da composição lírica – sentir, observar, *transformar* – é esta última que domina na poesia moderna [...] (1978, p. 17).

No final da década de 1960 até início da década de 1980, fenômenos políticos, sociais e culturais (entre os quais estão incluídos os movimentos negros, feministas e homossexuais) reivindicam seus espaços de mais visibilidade no contexto social brasileiro – como é o caso da produção literária negra. Nessa perspectiva de luta, a literatura advinda de escritores negros, por seu aspecto social e militante, pode ser compreendida como uma estratégia de resistência.

Os poetas negros desse período criam mecanismos específicos para a divulgação e consolidação de sua arte e sua visão de mundo, também recusam a classificação de suas obras como literaturas periféricas, declaram-se autônomos. Dessa maneira, esses grupos literários estabelecem o reconhecimento de obras, de escritores e também a oficialização do termo literatura negra. Nessa empreitada para conquistar a visibilidade, ao enunciar-se como poesia de resistência, essa vertente resiste "contra o rolo compressor da assimilação" (BERND, 2011, p. 60), cria um novo mundo. Pois, "a luta é, às vezes, subterrânea, abafada, mas tende a subir à tona da consciência" (BOSI, 2000, p. 169). Assim, esses escritores buscam a afirmação de uma consciência identitária negra para suas produções.

Vale destacar que entre as preocupações da poética negra está a "transformação" do percurso histórico da comunidade negra construído, outrora, por uma visão deturpada da cultura dominante. Para tal, o poeta precisa desarticular o discurso opressor que desqualifica e que apresenta o negro de modo reificado. A linguagem torna-se instrumento de resistência contra os discursos que demarcaram por séculos o "lugar do negro". Nesse sentido, Adorno (2003, p. 69) esclarece que "a idiossincrasia do espírito lírico contra a preponderância das coisas é uma forma de reação à coisificação do mundo, à dominação das mercadorias sobre os homens".

Analogamente, Zilá Bernd (1988, p. 22-23) salienta que a poesia negra, no seu plano estético e literário, projeta-se, também, "em inscrever, nas malhas do tecido poético, o processo de transformação ideológica de sua consciência individual que atinge sua autonomia ao libertar-se do poder do discurso mistificador da dominação".

Nessa linha de pensamento, contribui Alfredo Bosi ao postular os diversos comportamentos em que a poesia de resistência pode se configurar:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, "esta coleção de objetos de não amor" (Drummond). Resiste ao contínuo "harmonioso" pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia (BOSI, 2000, p. 169).

Levando em conta o supracitado, acredita-se que a busca por uma afirmação identitária também se constitui em uma forma de resistência. Por essa razão, o presente estudo pretende debruçar-se atentamente sobre algumas poesias do escritor contemporâneo Cuti, para investigar as constantes discursivas da poesia afro-brasileira, principalmente no que se refere ao processo de afirmação e de resistência negra.

# Afirmação identitária e resistência negra no poema "Negroesia"

Cabe ressaltar que, ao assumir a função social da literatura, Cuti não descarta a ideia de que a relevância desse papel social está estreitamente conectada ao seu trabalho criativo. Desse modo, as dificuldades enfrentadas pelos negros e afrodescendentes se convertem em motivações para o paulistano autêntico e engajado com as questões atinentes à formação e ao reconhecimento de uma identidade negra, conforme observa-se no poema "Negroesia"15:

Enxurrada de mágoas sobre os paralelepípedos Por onde passam carroções de palavras duras Com seus respectivos instrumentos de tortura Entre silêncios

Entre silencios

Augúrios de mar e rios

O poema acende seus pavios

E se desata

Do vernáculo que mata

Ao relento das estrofes

Acolhe os risos afros

Embriagados de esquecimento e suicídio

No horizonte do delírio

E do âmago de desencanto contesta as máscaras Lançando explosivas metáforas pelas brechas dos Poesídios

Contra o arsenal do genocídio.

No poema acima o escritor projeta um discurso afro reconstruindo, no plano simbólico, imagens dos seus antepassados. Observa-se uma voz poética que rememora a invisibilidade da comunidade negra perante a sociedade escravocrata. Nas entrelinhas dos versos, há um compromisso em desmascarar os discursos canônicos que coisificaram a imagem do negro por séculos. Para isso, o poeta se reinventa ao utilizar-se de neologismos: poesídio e negroesia. O primeiro termo corresponde à negação às poesias reificadas sob o olhar do discurso dominante. Isto é, a poesia que retrata o

negro estigmatizado ao aprisioná-lo a estereótipos inferiorizantes. A última resume a força da poesia afro-brasileira na busca por reconstruir a identidade negra de forma positiva: "o poema acende seus pavios/ e se desata / do vernáculo que mata".

Sendo assim, pode-se dizer que o poema *Negroesia* corresponde às expectativas características da poesia afro-brasileira. Esta vertente dá voz e vez ao sujeito negro (ou coletivo) para (re)construir sua identidade, seja por meio de imagens, memórias ancestrais, sons etc. De acordo com Bernd (1988) e Duarte (2005), só é possível esse comprometimento por meio de uma identidade negra construída e estabelecida quando esses sujeitos se rebelam contra as opressões, as discriminações sofridas na sociedade, frutos de um histórico escravocrata. Acredita-se que retomar, simbolicamente, o passado e refletir sobre ele no presente constitui uma forma de autoconhecimento e de (re)construção identitária. Conforme Bosi,

A poesia do mito e do sonho está rente à pura privatividade, mas, pelo discurso articulado, a sua *poética* deve tornar-se pública, universal. Uma coisa é viver subterraneamente a memória dos próprios afetos e configurá-la em imagem, som, ritmo; outra é comunicar a razão da privacidade (BOSI, 2000, p. 176).

Por isso, o surgimento da poesia afro dá-se como uma tentativa de preencher vazios criados pela perda gradativa da identidade determinada pelo longo período em que a "cultura negra" foi considerada fora-da-lei, tempo este em que a maioria dos negros brasileiros tentou assimilar a cultura dominante (BERND, 1988).

De acordo com Bosi (2000), dois aspectos podem ser evidenciados na poesia para entender suas representações, a saber, o "ser" e o "tempo". Dessa forma, o "ser" que comporta em si os componentes da estética que a fazem existir e o "tempo" pertencente ao processo histórico. Com isso, a poesia funciona por seu papel social

ao refletir sobre suas condições de existência em face do poder opressivo.

Desse modo, a construção de uma consciência cultural reestabelecida advém da manipulação da cultura resistente, bem como transforma-se em materialidade poética que, em seguida, vai se constituir em literatura de resistência (BERND, 2011).

Em continuação às considerações já realizadas, e sem desprezar o caráter múltiplo assumido pelo autor ao longo de suas obras, interessa-nos verificar a face empenhada no tocante à afirmação de identidade e de resistência negra, representadas nas poesias escolhidas. Entretanto, as observações elencadas, a partir do estudo dos poemas, se delimitarão aos conceitos discutidos e aos objetivos propostos.

# Identidade e resistência negra em Poemas da Carapinha

O poema intitulado *Sou Negro*<sup>26</sup>, de maior expressão de Cuti, está incluído no livro *Poemas da Carapinha*, publicado no ano de 1978, década marcada por lutas e conquistas negras como, por exemplo, a luta ativista contra o racismo pregando a valorização de uma estética negra. Assim, a produção poética afro ganha força devido às influências das literaturas pós-modernas, em função do desmembramento, do descontínuo, da descentralização (dos sujeitos) e das configurações das diferentes identidades. Com isso, o reconhecimento identitário afro-brasileiro é fortalecido. Não cabe mais conectar o negro à imagem do indivíduo reificado, e sim como um participante ativo que tem *voz* e *vez* na sociedade.

Diante desse breve quadro descrito, acredita-se que a poesia afro-brasileira pode constituir um espaço de resistência na medida em que nega os valores dominantes e projeta um discurso afirmativo sobre si. Tem-se no poema "Sou negro"<sup>17</sup> uma importante referência para entender o processo de construção e de afirmação identitária afro-brasileira:

Negro sou sem mas ou reticências

Negro e pronto!

Negro pronto contra o preconceito branco

O relacionamento manco

Negro no ódio com que retranco

Negro no meu riso branco

Negro no meu pranto

Negro e pronto!

Beiço

Pixaim

Abas largas meu nariz tudo isso sim

- Negro e pronto -

No poema citado, já pelo título "Sou negro", observa-se a força expressa pela voz poética ao afirmar sua identidade negra. Nos versos seguintes esse gostar-se negro é reforçado: "Sou negro /Negro sou sem mas ou reticências". Neste último, a consciência étnica do sujeito parece sair definitivamente da plateia, do lugar do conformismo. Essa "afirmação de ser comunica-se com todas as alteridades negadas" ou com aqueles que se identificarem com o discurso, visto que "é por essa possibilidade que se faz o universal" (CUTI, 2010, p. 104).

Na poesia afro-brasileira o uso recorrente da palavra negro, em detrimento a outras expressões, é importante porque resgata a ancestralidade dos africanos e dos seus descendentes diluída nas miscigenações. A expressão carrega também a história das lutas negras, portanto não deve ser desprezada ou substituída.

Nesse entendimento, o termo negro é reforçado com o intuito de desestabilizar sentidos engessados, de destituir estereótipos negativos e de ressignificá-los positivamente. Porquanto é sabido que o vocábulo é um dos mais polissêmicos do vernáculo, principalmente por fazer oposição ao branco, pode-se compreendê-lo por meio de inúmeros significados: preto, escuro, trevas, escravo, entre outros, com cargas semânticas negativas. Por isso a importância da reversão semântica de negativa para positiva.

Nos versos seguintes: "Beiço / Pixaim/ Abas largas meu nariz ", há a exposição de características de um corpo negro fragmentado, porém, não para afirmar sua exclusão, conforme justificavam as teorias raciais no início século XX, mas para fazer dele (o corpo) um emblema de tomada de consciência (FONSECA, 2002, p. 201). Assim, ao exibir detalhes do corpo negro, a voz poética, mais uma vez, reforça o sentido já afirmado pelo título e contesta o padrão social de beleza (predominantemente branco) que o exclui e o discrimina a partir de seus traços fenotípicos.

De maneira geral, nota-se no discurso poético o sentimento de orgulho negro por sua cor e por seus traços físicos que, quando reafirmado, torna-se determinante para enfrentar as disputas desiguais em sociedade.

Batuca em mim Meu rosto

Belo novo contra o velho belo imposto.

E não me prego em ser preto

Negro pronto

Contra a tudo que costuma me sujar de preto

Ou que tenta me pintar de branco

Sim

Negro dentro e fora

Ritmo – sangue sem regra feita

Grito – negro – força

Contra grades contra forcas

Negro pronto Negro e ponto

Ainda no poema em estudo, observa-se a referência de um verbo (batucar) que remete à memória afrodescendente, o batuque, depreendido dos versos "Batuca em mim / Ritmo – sem regra feita". Ou seja, o tambor e/ou ritmos afros estão representados em batuque, símbolo de resistência cultural.

No plano estético, o som forte do tambor pode estar representado, ao longo do poema, nas ocorrências das

consoantes oclusivas surdas /p/ e /t/ e sonoras /b/ e /g/, que, por sua vez, garantem a sonoridade. As primeiras, mais fortes, produzem uma ideia de embate. Juntos, tais segmentos ecoam como um grito de negação à assimilação dos valores idealizados pela classe dominante. Os sons reproduzidos de modo geral no poema reforçam a afirmação de identidade negra.

Nos versos "Meu rosto/ belo novo contra o velho imposto", a voz poética reivindica o espaço de enunciação (afroidentificado) na sociedade. Observa-se a recorrência de antíteses: novo/velho, branco/preto, dentro/fora. Esse recurso pretende expor pontos de vista antagônicos na literatura: de um lado, a poesia brasileira ao apresentar o negro como objeto e, por outro, a poesia afro que, valendo-se da alteridade, configura-o como sujeito que se auto afirma negro.

Nota-se a constante recorrência de determinados vocábulos, expressões e contraimagens. Esses aspectos podem ser observados a partir da redundância afirmativa de identidade, conforme elencados nos versos: "sou negro/ negro sou/ negro pronto/ negro e pronto/ / negro dentro e fora". Dessa maneira, a repetição torna-se um recurso relevante, na medida em que "[...] a eficácia do discurso estará mais garantida se o leitor for bem conduzido e sempre lembrado dos objetivos do texto" (SOUZA, 2006, p. 64).

No verso "Grito – negro – força" está imbuído o desejo de liberdade contra a opressão histórica-política-social, a luta – a resistência negra. A voz poética ecoa de um sujeito predisposto a lutar contra o preconceito e a discriminação racial nos versos "Negro pronto contra o preconceito branco/" Negro pronto/ Contra a tudo que costuma me sujar de preto/ Ou que tenta me pintar de branco".

Diante do exposto, pode-se afirmar que Cuti navega de forma dissidente da ideologia dominante, esta que, na maioria das vezes, estigmatiza os elementos físicos e culturais herdados da diáspora, negativamente. Em



suma, o discurso enfático "Negro e pronto" elimina qualquer plano de inferioridade atribuído ao sujeito negro e propõe uma nova forma de configuração literária, a partir da reconstrução semântica da palavra negro. Dessa forma, temos "[...] a resistência produtiva que rejeita a vitimização e aponta para a possibilidade de minar, lenta e persistentemente abalar os sistemas de representação e de poder" (SOUZA, 2006, p. 137).

# Identidade e resistência negra em Sanga

No livro Sanga<sup>28</sup>, lançado em 2002, duas décadas depois da publicação de *Poemas da carapinha*, Cuti explora de diversos modos o negro e seu mundo. Porém, sem esquecer a pluralidade de expressão poética – peculiaridade do escritor – que transita pelos campos, a saber: afetivo, erótico, cultural, político, histórico e social. Contudo, este último aspecto torna-se um ponto de partida para entender as principais dificuldades que um indivíduo tem de (re)afirmar sua identidade negra em uma sociedade regada a ideologias cristalizadas pela cultura dominante. Por isso, reitera-se que essas questões precisam ser investigadas por um olhar atento.

Nessa direção, de desfazer os discursos racistas e redimensionar a identidade negra, é que o fazer poético de Cuti, mediado pela contradição, "serve-se das palavras como tecla" e "desperta nelas forças que a linguagem cotidiana ignora" (FRIEDRICH, 1978, p. 29). De outro modo, a palavra torna-se a arma do poeta contra a configuração reificada do negro construída pela versão hegemônica.

Na leitura do poema "Pane" (CUTI, 2002, p. 42), observa-se nos dois primeiros versos a ocorrência da antítese, devido à aproximação de termos que têm sentidos opostos: "negro/branco". Nota-se também a recorrência de termos repetidos presentes no início e no fim do poema: "Quando dá um branco / em um negro". Como foi dito anteriormente, a repetição dos versos reforça o objetivo pretendido. Nos versos

mencionados, embora implicitamente, a voz enunciativa aponta a ideia de democracia racial como um ponto negativo, uma enorme barreira para o afro-brasileiro reconhecer sua própria identidade.

Esse aspecto pode ser depreendido da primeira estrofe, a começar pela relação sinonímica entre o título "Pane" e o primeiro verso "Quando dá um branco". O recurso estilístico da paronomásia conferido à expressão "dá um branco / em um negro" deixa subentendido – outro significado – a assimilação da cultura branca pelo negro. Dessa forma, o contradiscurso à sobreposição desses valores será importante para a transformação social:

Quando dá um branco
Em um negro
Não há moreno que salve
Nem mulato que apague
O lixo que vem contido
Nesse medo antigo
De escravo. [...]
Quando dá um branco
Em um negro
A consciência escorrega e desespera.

No poema citado, percebe-se a contraposição feita entre os vocábulos negro e branco. No verso "em um negro", o signo negro se desdobra em dois termos muito recorrentes na língua portuguesa, a saber: moreno / mulato, depreendidos dos versos "não há moreno que salve / nem mulato que apague". Geralmente, ambos os termos funcionam como sinônimos para referenciar o sujeito não-branco, o que nos revela a dificuldade de o sujeito, em pleno século XXI, assumir-se negro. Por outro lado, essa dificuldade justifica-se em razão do discurso da mestiçagem que, por uma via, incorpora e até valoriza aspectos da cultura afro-descendente, "mas, por outra, promove a camuflagem e nega as desigualdades e exclusões de base raciais" (SOUZA, 2006, p. 240).

Nos versos "não há moreno que salve / nem mulato que apaque /o lixo que vem contido / nesse medo antigo / de escravo", o sujeito poético, com tom irônico, chama a atenção para os discursos que tentam minimizar as marcas deixadas pela escravidão, por entender que a palavra *negro* carrega o peso "de um passado escravo" (BERND, 1988, p. 96). Vale ressaltar, mais uma vez, que "a compreensão que se faz de um mesmo signo – negro – pode remeter à ofensa e à humilhação" como também significar uma identidade com orgulho (BERND, 1988, p. 96). Mediante esta ambivalência, a poesia afro busca libertar o sujeito afrodescendente das amarrações que o aprisionam e, assim, poder representá-lo em diferentes nuances existenciais. Assim, as significações mobilizadas a partir da palavra "negro" não intencionam a segregação para um grupo autoidenficado negro. Pelo contrário, objetivam o reconhecimento de uma identidade racial e cultural, em meio a tantas outras identidades possíveis, que deve ser admitida positivamente. Por isso, a ressignificação e ressemantização são importantes nesse processo. Partindo desse ponto, a linguagem apresentada nos poemas se coaduna como instrumento de resistência simbólica à opressão e à inferiorização, construindo uma nova identidade negra, sobretudo, literária.

# Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, foi delineado um panorama que permitiu aprofundar conceitos e discussões referentes à vertente literária afro-brasileira, à poesia de resistência e à formação de identidade negra no Brasil. Nesse processo, observou-se que a construção identitária negra foi marcada negativamente, fundamentada na ideologia do colonizador – que marginalizou os bens culturais africanos. Diante das circunstâncias, o afro-brasileiro sentiu-se obrigado a construir para si uma nova identidade, ajustando-a à cultura dominante. Apesar de uma trajetória opressora, a identidade negra também foi (e ainda é) influenciada por um conjunto de significados propostos pelo presente. Nesse sentido, temos

no contexto pós-moderno não mais aquele sujeito unificado, mas híbrido: sua identidade resulta da (re)construção de sua história e da constituição do seu presente.

Assim, os poemas analisados podem ser apontados como poesias de resistência, pois, na medida em que os sujeitos étnicos, impressos nos textos, empreitam o desafio para a afirmação de uma consciência negra, resistem à opressão e à ordem estabelecida por discursos ideologicamente dominantes (BOSI, 2000). Notase que a linguagem articulada nos poemas, tanto no plano vocabular quanto dos símbolos, também funciona como instrumento de resistência porque legitima uma escrita negra que, pautada na desconstrução dos discursos históricos nomeados pelo branco, afirma a presença de um campo universal que reflete as experiências, memórias, os anseios dos afro-brasileiros e de sua ascendência, de maneira positiva.

Concluiu-se que a literatura negra, além de cooperar na reversão de discursos instituídos, atua na (re)constituição e suplementação de sentido à história literária. Em outras palavras, as produções literárias afro-brasileiras acrescentam ao universo literário uma versão distinta da história a partir de um ponto de vista afroidentificado, compensando as omissões da crítica nacional aos autores negros e visando, principalmente, a ampliação do público leitor.

Dito isto, cabe ressaltar que, nos versos de Cuti aqui analisados, ao admitir positivamente uma identidade afro-brasileira, a voz poética coloca-se contra o racismo, contra estereótipos e contra sentidos cristalizados histórica e socialmente. Por isso, eleita a poesia como o lugar privilegiado de reflexão da consciência negra, acredita-se que a inclusão da literatura afro-brasileira na educação contribuirá não só para o conhecimento da história e da cultura negra, mas como um importante meio para que sujeitos possam (re)conhecer sua própria identidade e suas raízes, de maneira positiva, dentro de uma pluralidade de identidades possíveis em um país multiétnico.

# Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In:
\_\_\_\_\_\_. Notas *de Literatura I.* Tradução de Jorge de Almeida.
São Paulo: Editora 34, 2003. p. 65-89.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros 1: Estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSE-CA, Maria Nazareth. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: PUC Minas; Mazza, 2002. p. 221-242.

BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_\_ (org). Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

\_\_\_\_\_\_. Literatura e Identidade Nacional. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 16.

BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 163-227.

CUTI [Luiz Silva]. *Literatura Negro-Brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

\_\_\_\_\_. Sanga. Belo Horizonte: Mazza, 2002.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e Afrodescendência. In:\_\_\_\_\_. *Literatura, política, identidades.* Belo Horizonte: FALE-UFMG: 2005. p. 113-131.

\_\_\_\_\_\_. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 11-23, jan.-jun. 2008. Disponível em: <a href="http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017/1590">http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2017/1590</a>>. Acesso em: 13 de nov. 2015.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2.ed. São Paulo: Global, 2007, p. 11-65.

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (orgs.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: PUC Minas; Mazza, 2002.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna:* da metade do século XIX a meados do século XX. Tradução de Marise M. Curioni. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

IANNI, Octavio. *Raças e classes sociais no Brasil.* 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 45-133.

\_\_\_\_\_\_. Literatura e consciência. In: *Revista do Instituto de estudos brasileiros* (USP), São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Edição comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/rieb/article/download/70034/72674> Acesso em: 05 nov. 2015.

LIMA, Carina Bertozzi de. Literatura negra: uma outra história. In: *Terra roxa e outras terras* – Revista de Estudos Literários Volume 17-A. Londrina: UEL (dez. 2009), p. 67-77. LIMA, Maria Nazaré; SOUZA, Florentina (orgs). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LITERAFRO, portal da Literatura Afro-brasileira. *Cuti.* Disponível em: <a href="http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf">http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf</a> Acesso em: 14 jun. 2016.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



### Notas

- SEMOG, Éle. *A cor da demanda*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 1997
- 2 Curiosamente, as instituições universitárias americana e europeia estão constantemente acompanhando as produções literárias negras pelo mundo, inclusive a literatura negra brasileira. Eduardo Duarte frisa que as bibliotecas estrangeiras possuem grande parte do acervo literário afro-brasileiro. Arrisca a dizer que, nesses espaços, obras e autores negro-brasileiros são muito mais reconhecidos e divulgados do que no Brasil.

As considerações, aqui realizadas, foram baseadas em uma entrevista de Eduardo Duarte concedida ao jornal *Interconexão Brasil*, publicada em 13 de maio 2015. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=qvbuml6l408">https://www.youtube.com/watch?v=qvbuml6l408</a>>. Acesso em: Acesso em: 15 fev. 2016.

- 3 Foram estudiosos estrangeiros que deram início ao questionamento que envolve os africanos escravizados, seus descendentes e a relação com a literatura. Dentre eles destacam-se Roger Bastide, Raymond Sayers e Gregory Rabassa.
- Vale enfatizar que a Literatura negra tem suas bases nos Estados Unidos, no século XX. Expandiu-se, posteriormente, ao Caribe (Cuba, com o negrismo cubano), e, aproximadamente na década de 1930, repercutiu na Europa (na França), finalmente espalhando-se para o restante do mundo a partir de meados do século XX. As considerações, aqui realizadas, foram baseadas em uma entrevista de Eduardo Duarte concedida ao jornal *Interconexão Brasil*, publicada em 13 de maio 2015. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=gvbuml6l408">https://www.youtube.com/watch?v=gvbuml6l408</a>. Acesso em: 15 fev. 2016.
- 5 Os termos mencionados são os que podemos encontrar para caracterizar a literatura dos afro-brasileiros, tendo em vista que a crítica literária brasileira

ainda não chegou a um consenso sobre qual termo utilizar para referir-se a essas produções.

- 6 A lei n. 10.639/03 altera a lei n. 10.639/03, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-brasileira". Disponível em: <a href="http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/2003/L10.639.htm">http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/leis/2003/L10.639.htm</a>. Acesso em: 23 jul 2016.
- para constituir-se uma literatura como negra, ela não precisa necessariamente ser escrita por negros. Segundo a autora, basta que o eu lírico manifeste a subjetividade negra ou afro-brasileira: [...] "a busca de uma identidade negra, instaura um novo discurso uma semântica de protesto ao inverter um esquema onde ele era o Outro" (BERND, 1988, p. 50).
- 8 A biografia do autor foi retirada do portal LITERA-FRO. Disponível em: <a href="http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf">http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf</a> Acesso em: 14 jun. 2016.
- 9 Seus quatro últimos trabalhos no gênero A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto (2009), Literatura negro-brasileira (2010), Lima Barreto (2011) e Quem tem medo da palavra negro (2012) discutem vários temas concernentes ao amplo significado da literatura na qualidade de produção humana envolvendo ideologias, políticas de mercado, preconceitos de toda ordem e concepções estéticas diversas.
- 10 Cadernos negros é uma série de publicação anual das produções literárias (poesia e prosa) de autores afro-brasileiros de vários estados brasileiros, que se mantém ativa desde o seu surgimento em São Paulo em 1978.
- 11 Quilombhoje Literatura foi fundado em 1980 por Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Aberlado Rodrigues e outros, com o objetivo de discutir e aprofundar as experiências negras na literatura. Atualmente,

tem atuação mais voltada para a área editorial e promoção da cultura. Sendo responsável pela organização e editoração da série Cadernos Negros, a instituição também se encarrega do lançamento e da distribuição. Para mais informações consultar o site: http://www.quilombhoje.com.br.

- LITERAFRO, Portal da Literatura Afro-brasileira. *Cuti.* Disponível em: <a href="http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf">http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/46/dados2.pdf</a> Acesso em: 14 jun 2016.
- 13 Em decreto em 14 de dezembro de 1890, na circular nº 29, de 13 de maio de 1891 informação retirada da obra (IANNI, 2004).
- 14 MATOS, Gregório de. *Seleção de Obras Poéticas*. Disponível em: <a href="http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bvooo119.pdf">http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bvooo119.pdf</a>>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- 15 CUTI [Luiz Silva]. "Negroesia". In: BERND, Zilá. Antologia de poesia afro-brasileira. Belo Horizonte: Mazza, 2011. p. 149-150.
- 16 CUTI [Luiz Silva]. "Sou negro". In: BERND, Zilá. Antologia de poesia afro-brasileira. Belo Horizonte: Mazza, 2011. p. 145.
- 17 Idem nota 16
- 18 No prefácio de *Sanga* (CUTI, 2002, p. 11) a escritora Mª N. Fonseca elucida que alguns poemas do livro podem "ser entendidos por alguns dos significados dicionarizados do termo *sanga*. Recuperam-se nele os sentidos de *dizanga*, do quimbundo, de *nsánga*, do quicongo, de *zanza*, do espanhol, significados que remetem o leitor ora às escavações que a chuva provoca no seio da terra, ora às modulações da água e à sua capacidade de assumir formas indiferenciadas, de expandir-se, sem controle. [...] O poeta acredita que as palavras podem compor poemas indignados que desafiam as águas paradas e abrem frestas por onde a "[...] negrura exposta/tece vida/na resposta" (p. 37).

